

A mesma criatura em corpos diferentes: uma análise das materialidades de edições de *Frankenstein*

The same creature in different bodies: an analysis of the materialities of editions of Frankenstein

Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior¹

Resumo

O propósito deste trabalho é evidenciar como diferentes edições de uma mesma obra oferecem, pela configuração de seus paratextos editoriais, diferentes experiências de leitura. Para tal, propõe-se, de forma mais específica, uma comparação dos peritextos editoriais, definidos a partir de Genette (2009), em três edições brasileiras de Frankenstein, de Mary Shelley: uma da L&PM Pocket (2017a), outra da DarkSide (2017b) e uma última da Zabar (2020). O estudo se apoia, ainda, em autores como Chartier (2003), Manguel (1997) para pensar as relações da materialidade do objeto livro com os seus leitores, uma vez que a prática da leitura literária relaciona-se de forma indissociável com esse tema.

Palavras-chave: *Literatura e materialidades. Paratextos editoriais. Peritextos. Frankenstein*

Abstract

The aim of this work is to evidence how different editions of a same book offer, by the configuration of their editorial paratexts, different reading experiences. For such, it is proposed, more specifically, a comparison of the editorial peritexts, defined from Genette (2009), in three Brazilian editions of Frankenstein, by Mary Shelley: one from L&PM Pocket (2017a), another from Darkside (2017b) and a last one from Zabar (2020). The study is also supported by authors such as Chartier (2003), Manguel (1997) to think the relations of the materiality of the book object with its readers, once the literary reading practice is inextricably related to this theme.

Keywords: *Literature and materialities. Editorial paratexts. Peritexts. Frankenstein*

Recebido em: 04/10/2020

Aceito em: 16/02/2021

¹ Licenciado em Letras (Unipampa), Especialista em Linguagens Verbo/Visuais e suas Tecnologias (IFSul), Mestre em Educação (UFPel) e Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração dos Estudos Literários, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4182-1070>

Introdução

Quando Mary Shelley concluiu *Frankenstein (or: the modern Prometheus*, como acompanha seu título original em inglês) em 1917, como o ponto final resultante do desafio proferido por Lord Byron a “criar uma história de fantasmas” no chuvoso verão do ano anterior, com certeza não sabia que estaria trazendo à vida um expoente da literatura fantástica (de terror, de ficção científica), tanto quanto o personagem título da narrativa avivava uma criatura monstruosa no seu enredo.

Assim, pelos duzentos anos que se seguiram, a história do monstro que no imaginário comum confunde-se com o nome do seu criador vem cooptando leitores de forma “assombrosa”, pois, como previnem Araújo, Almeida e Becari (2018, p. 10), a verdade é que quem lê esta obra é imediatamente “envolvido na história, não quer parar a sua leitura, fica cativo do romance”. A perenidade do fascínio por *Frankenstein*, concordam esses estudiosos, se dá, pois, tratando de um tema universal, que é o das nuances da natureza humana, cada época poder servir-se dele para ilustrar e mostrar os seus novos problemas, receios, medos e apreensões (ARAÚJO, ALMEIDA, BECARI, 2018, p. 57).

À primeira edição de *Frankenstein*, em três volumes, que veio anonimamente à fraca luz dos dias que iluminavam a Inglaterra pré-vitoriana (a imaginação gótico-romântica compõe sempre esse lugar específico do tempo e espaço envolto em brumas), no ano de 1818, seguiu-se uma reedição em dois volumes para o ano de 1823 – estes já sob a assinatura de Shelley – e a ela uma revisão definitiva do texto para uma terceira reedição de volume único, em 1831. Esta última tem servido, majoritariamente, a partir daí, como fonte para um sem número de edições nas mais variadas línguas e dirigidas aos mais variados públicos.

Assim, tendo em vista que o objeto livro construiu-se historicamente como um dos suportes materiais mais tradicionais para os textos literários e entendendo, a partir de Chartier, que no ato de leitura “a significação, ou melhor, as significações, histórica e socialmente diferenciadas de um texto, qualquer que seja, não podem ser separadas das modalidades materiais que o dão a ler a seus leitores” (CHARTIER, 2003, p. 46), o propósito deste trabalho é evidenciar como diferentes edições (brasileiras) de *Frankenstein* oferecem diferentes experiências de leitura dessa obra e, conseqüentemente, abrem o texto a interpretações também diversas.

Propõe-se, assim, um estudo comparativo de três edições de *Frankenstein* atualmente em circulação no mercado nacional: uma da L&PM Pocket (2017a), outra da Zahar (2020) e uma última da DarkSide (2017b), a fim de descrever e analisar suas materialidades. Para tal, a análise se debruçará nas nuances editoriais que Genette (2009) compreende como paratextos. Segundo o autor, uma das suas funções é apresentar a obra ao leitor funcionando como porta de entrada para o texto literário em si. Conceitualmente, ele o define como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (GENETTE, 2009, p. 9).

Sendo outra importante função do paratexto editorial conduzir a leitura, ao comunicar uma informação, expor uma intenção ou mesmo esclarecer uma interpretação, considera-se que a partir de um olhar sobre os peritextos, paratextos que se localizam “em torno do texto, no espaço do mesmo volume” (GENETTE, 2009, p. 12), que dão forma ao objeto livro como o reconhecemos, intrínsecos à experiência de leitura de uma edição em específico, tornar-se-á possível demonstrar como ela suscita ou oferece uma imersão particular na narrativa.

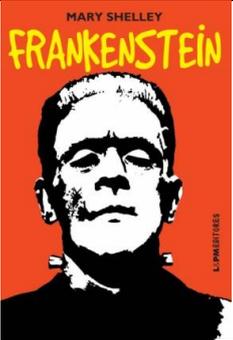
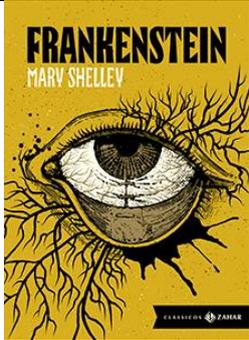
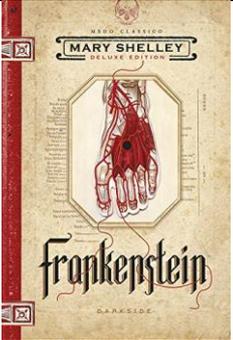
Desenvolvimento

Propõe-se aqui analisar os peritextos das obras citadas a fim de evidenciar as diferentes experiências de leitura que elas oferecem, principalmente, porque compreende-se que discutir aspectos da materialidade dos livros significa discutir, em essência, o poder de atração e de atuação que esse objeto tem sobre o seu leitor, pois, como postula Manguel:

Os livros declaram-se por meio de seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações em sua capa, declaram-se também pelo tamanho. [...] como ocorre com todas as formas, estes traços cambiantes fixam uma qualidade precisa para a definição do livro. Julgo um livro por sua capa, julgo um livro por sua forma (MANGUEL, 1997, p. 149).

Assim, é certo que as edições selecionadas para análise neste trabalho – apresentadas no quadro a seguir – não surgem aqui fruto de uma escolha arbitrária. São livros de uma biblioteca pessoal, a saber, do autor, que as selecionou a partir do seu gosto, pensando na sua própria experiência sensível com esses materiais de leitura. Por isso, além de guiar-se pelas evidências materiais – peritextuais – das edições a serem estudadas, esta análise não estará isenta das impressões de leitura particulares do pesquisador, enquanto leitor das obras pesquisadas. Pelo contrário, elas figurarão como interpretação dos dados. Isso posto, para iniciar, cabe caracterizar o *corpus* quanto a algumas especificidades de cada edição.

Quadro 1: caracterização das edições analisadas.

Capa			
Editora	L&PM	Zahar	DarkSide Books
Selo/Coleção	L&PM Pocket	Clássicos de bolso Zahar	Medo Clássico
Ano de publicação	2017	2020	2017
Tradutor(a)	Miécio Araújo Jorge Honkis	Santiago Nazarian	Márcia Xavier de Brito
Dimensões	12 x 18 cm	12,5 x 18 cm	16,5 x 23,5 cm
Formato	Brochura/Bolso	Capa dura/Bolso de luxo	Capa Dura/Deluxe Edition
Nº de páginas	253 p.	310 p.	299 p.

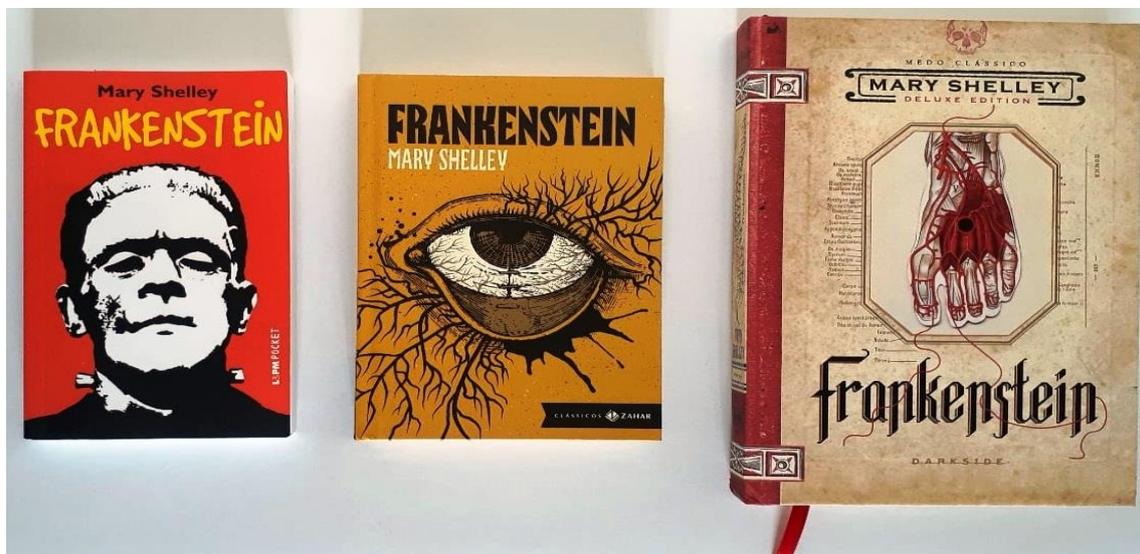
Fonte: produzido pelo autor.

Sobre os elementos elencados no quadro, que resultam de um primeiro exame sobre os livros, vale ressaltar, inicialmente, uma averiguação: a diferença entre o número de páginas de cada uma das três edições em análise. Assim, apesar de darem corpo à mesma narrativa, em essência, o mesmo texto literário (a fonte de ambos é o texto integral em inglês de Shelley publicado em 1818) e não se tratarem de adaptações dessa história no sentido de atingir um público infantil, por exemplo, em que os textos sofrem alterações sintáticas significativas, as

edições em questão variam de 253 a 310 páginas. Essa característica poderia ou não ter relação direta com a extensão que a tradução ganharia, levando em conta as decisões semânticas tomadas pelo seu recriador ou recriadora. Entretanto, ao compararmos os objetos, fica evidente que a variação acontece devido a diferentes aspectos editoriais desses produtos impressos, como o tamanho dos livros, a tipografia utilizada neles, a configuração das suas margens, a presença de imagens, enfim, a maior ou menor quantidade de elementos paratextuais inseridos na obra.

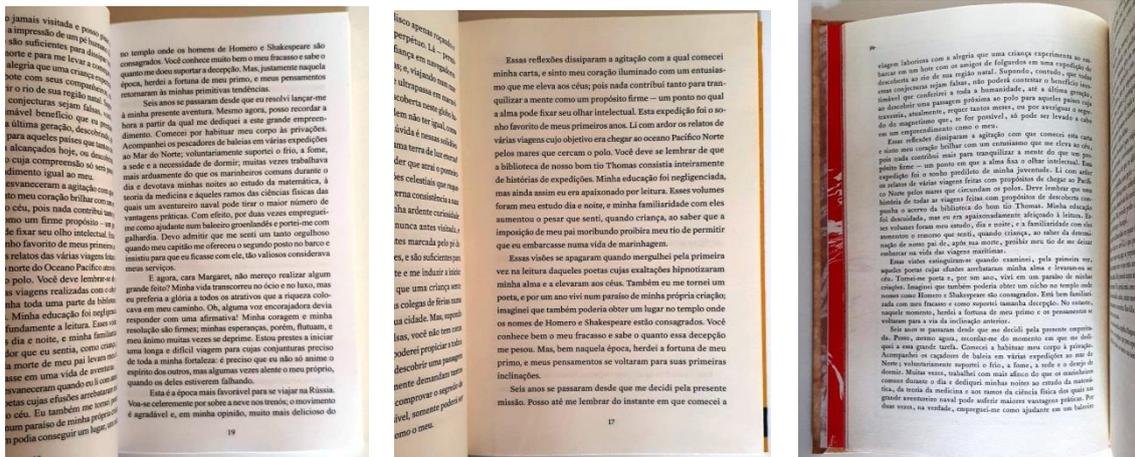
Percebeu-se, a partir disso, que essa diferença no número de páginas se deu por dois principais motivos materiais que se influenciam mutuamente: primeiro, as dimensões das edições que apresentam diferente configuração ou ajuste do texto ao tamanho das suas páginas. Enquanto, como é possível averiguar no quadro anterior, duas delas são mais próximas em medidas, quais sejam, a da L&PM Pocket e a da Zahar, a segunda sendo apenas um pouco mais larga que a primeira, ambas usam espaçamento entre linhas bastante distinto: a segunda preenche menos o espaço da página do que a primeira. A epístola que abre o romance toma, assim, três páginas e meia da versão da L&PM Pocket, enquanto na versão da Zahar quase cinco páginas. Já na edição da DarkSide, significativamente maior que as duas citadas anteriormente e de folhas bastante preenchidas pelo texto, ocupa menos que três páginas inteiras. As imagens a seguir evidenciam essa diferença de dimensões e preenchimento do espaço das páginas entre as edições.

Figura 1 – Foto das três edições analisadas.



Fonte: produzida pelo autor.

Figura 2 – Configuração dos textos às dimensões das edições, respectivamente, L&PM Pocket, Zahar e DarkSide.



Fonte: produzida pelo autor.

O segundo motivo pelo qual a quantia de páginas das edições varia se dá devido ao volume de peritextos identificáveis em cada uma, com destaque para a edição da DarkSide que, não fosse pela quantia de peritextos, devido às suas dimensões e ao preenchimento das folhas, provavelmente estaria mais próxima em número de páginas da edição da L&PM pocket. O quadro a seguir mostra, então, os peritextos mais evidentes com os quais este estudo trabalhará a seguir.

Quadro 2 – Elementos presentes em cada uma das edições.

	L&PM Pocket	Zahar	DarkSide
Primeira e quarta capa	X	X	X
Guardas		X	X
Anterosto			X
Folha de rosto	X	X	X
Epígrafe	X		X
Dedicatória			X
Sumário		X	X
Introdução ou Apresentação	X	X	X
Prefácio	X		X
Posfácio	X		X
Biografias	X		X
Ilustrações			X
Outros			X

Fonte: produzido pelo autor.

Nesta análise, observaram-se as peculiaridades de cada edição e compararam-se os elementos paratextuais (peritextos) que compõem a materialidade das obras, buscando encontrar diferenças, semelhanças e registros de intenções. A seguir, esses encontros serão interpretados a partir das impressões de leitura de cada obra.

A criatura no corpo da L&PM Pocket

Figura 3 – Frankenstein da L&PM Pocket: capa, lombada e quarta capa.



Fonte: produzida pelo autor.

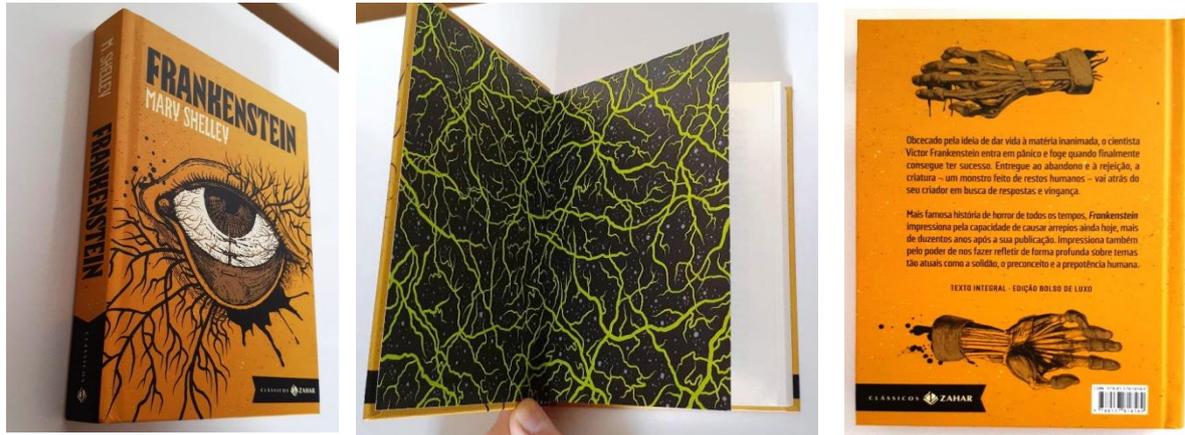
Se comparado ao das outras duas, o projeto gráfico dessa edição é o menos chamativo. A capa (de papel mole) reproduz uma imagem estilizada da figura do monstro mais famosa, aquela representada por Boris Karloff na versão de 1931 para o cinema, em um fundo vermelho simples. Não há orelhas, apesar de ser brochura. A lombada, em horizontal, repete o título do livro, a autoria, a editora e informa que trata-se do volume 54 dessa coleção de edições de bolso (formada por títulos de variados gêneros). Genette (2009, p. 24) comenta que a edição de bolso é “simplesmente a reedição a preços baixos de obras antigas ou recentes que passaram antes pelo teste comercial da edição corrente” e que “quem diz ‘bolso’ diz sempre ‘coleção’” (GENETTE, 2009, p. 25), reafirmando as características evidenciadas desta edição. A contracapa repete o vermelho da capa na anotação “um dos maiores clássicos de terror de todos os tempos” e traz um comentário em três parágrafos, em fundo branco, sobre a concepção e recepção da obra; o endereço eletrônico da editora; o selo junto do slogan “a maior coleção de livros de bolso do Brasil” e da (importante) advertência de que se trata do texto integral; o código de barras.

Apesar de pouco caprichada visualmente, atendendo à demanda de um produto mais barato, esta edição da L&PM para *Frankenstein* é bastante completa em peritextos. Traz a importante epígrafe extraída de “O Paraíso Perdido”, que dialoga com o dilema principal do monstro da narrativa, dois textos de entrada para o romance assinados pela própria autora – uma introdução para a edição de 1831 em que ela fala de sua trajetória pessoal culminando no fatídico verão em que a ideia da história a assombra pela primeira vez e as alterações que fez para esta que seria considerada a versão definitiva e um prefácio para a edição de 1817, de digressão mais modesta, em que ela toca brevemente nos tópicos em torno dos quais gira a narrativa –, bem como um posfácio escrito por Harold Bloom, com ares de texto crítico, em que ele explicita questões como as do duplo, da referência ao mito de Prometeu, da relação da obra com aquela de que sai a epígrafe, entre outras chaves de leitura.

Ao leitor mais desavisado essa pode não ser a edição que mais chame a atenção em uma estante virtual ou de livraria, embora seu preço seja consideravelmente mais baixo, mas como material de leitura oferece uma experiência bastante potente com a narrativa de Shelley.

A criatura no corpo da Clássicos Zahar

Figura 4 – Frankenstein da Clássicos Zahar: frente, lombada, segunda e quarta capa (internas) e quarta capa (externa).



Fonte: produzida pelo autor.

Esta “Edição bolso de luxo” é encadernada em capa dura e chama atenção pelo amarelo mostarda que tingue toda a sua composição exterior. A quarta capa informa que o texto é integral e, com dois parágrafos oferece o mote principal da obra (o cientista que cria o monstro que persegue o cientista) e algumas chaves interpretativas (“mais famosa história de horror de todos os tempos”, “temas atuais como a solidão, o preconceito e a prepotência humana”). Além disso, há também o selo “clássicos Zahar”, o código de barras e a ilustração dos dois lados de uma mão talvez em estado de putrefação. A lombada traz o primeiro nome da autora abreviado, seguido pelo sobrenome, título do livro e selo da coleção. A capa é ilustrada com um grande olho, que tudo indica ser o da criatura, cuja impressão de letargia nos leva a crer que ela ainda não foi animada. Há grampos unindo direita e esquerda de suas pupilas, o que nos remete à composição da criatura, e seus cílios se tornam veias (ou raios). Aqui e ali, nas ilustrações da frente e do verso, há também respingos de tinta (ou sangue).

No interior da edição há um fenômeno designado por Genette (2009, p. 11) como “paratexto sem texto” identificado como as segunda e quarta capas (internas): quatro folhas de papel couché, duas na abertura do livro e duas no fechamento dele (a primeira e a última grudadas à primeira e à quarta capa). Nelas, com o advento da troca de cor, as veias que saem dos cílios da capa preenchem o espaço total dessas páginas em cor verde, com fundo preto, tornando-se definitivamente raios, os mesmos raios elétricos que avivam a criatura de Frankenstein na narrativa, aqui, o fazem ao nosso intercurso de leitura. A seguir, vem a falsa capa com a reprodução do título sem seu subtítulo original, a folha de rosto com o subtítulo original, autoria e tradução, e, por último, o sumário, que nos adianta: o livro compõe-se de uma apresentação e do texto literário. Não estão presentes nesta edição a epígrafe e a dedicatória ou o prefácio e a introdução da própria autora, identificados na edição da L&PM Pocket. Sobre isso, Genette (2009, p. 13) comenta que “se um elemento de paratexto pode aparecer a todo momento, pode também desaparecer, definitivamente ou não”.

Apesar de oferecer aos olhos do leitor uma experiência visual mais estimulante e proporcionar uma leitura que cansa menos os olhos devido à formatação mais espaçada do seu texto, uma fonte mais agradável e uma folha mais amarelada (Mercury 9.5, segundo informações da última página, e papel offwhite 70g/m²), a edição da Zahar economiza na exploração dos peritextos. A apresentação anunciada no sumário não se estende nem por duas páginas (uma folha, frente e verso), toca brevemente no tema da distorção que a representação cinematográfica fez no imaginário popular em relação ao que o texto literário efetivamente traz quanto a Vitor e sua criatura, e já encontra sua conclusão com um breve passeio pela vida da autora. Se colocadas lado a lado, é bastante certo que o leitor leve para casa a edição da Zahar, entretanto, encontrará uma experiência de leitura mais completa na da LP&M Pocket.

A criatura no corpo da DarkSide

Figura 5 – Frankenstein da DarkSide: capa, lombada, segunda e quarta capa (internas) e quarta capa (externa).



Fonte: produzida pelo autor.

Das três edições que compõem o *corpus* de análise deste trabalho, a da DarkSide é, de longe, aquela com projeto gráfico mais elaborado. A capa é dura, encimada pelo selo da coleção “Medo Clássico”; Genette (2009, p. 26) comenta que o selo de coleção “é, pois, uma duplicação do selo editorial, que indica imediatamente ao potencial leitor que tipo ou que gênero de obra ele tem a sua frente”. No caso deste, ele designa publicações de títulos clássicos do terror, como “Drácula”. Traz também a autoria, o título da obra e a logo da editora, em torno da imagem de um pé com veias (que saltam para fora da imagem) e músculos à vista que parece oriunda de um antigo estudo de anatomia humana. Tem efeito envelhecido e, na transição para a lombada, elementos que sugerem o formato de um caderno ou diário, com pregas unindo frente e verso.

Na lombada temos o título do livro na horizontal, acompanhando a imagem de uma coluna vertebral, a autoria e a caveira, símbolo da Coleção, na vertical. A quarta capa dá a impressão de alto-relevo, apesar de não ser, imita um forro em veludo vermelho e traz um retrato de Shelley emoldurado em dourado junto com o código de barras do produto, o logotipo da editora e um carimbo em nome da autora, como se usado em obras da sua biblioteca pessoal. Vale ressaltar, sobre essa edição, a presença da fita marca-páginas, na cor vermelha. Aliás, interessante é o fato de que elementos das duas outras edições parecem identificáveis nela. Tanto a escolha pela cor vermelha, presente na capa da L&PM Pocket,

quanto o jogo visual com as veias que “se soltam” da imagem central e se espalham pelo livro.

Como verificável no quadro 1, o miolo da edição está bastante completo em peritextos, tanto que foi criado o campo “outros” para dar conta de elementos que fugiam à classificação de Genette (2009). Estão presentes nesta edição, oriundas de edições originais, a epígrafe da obra de John Milton, a dedicatória de Shelley a seu pai, William Godwin, o prefácio à de 1818 e a introdução à de 1831. Para além, há uma introdução original da DarkSide bastante substancial e assinada pela tradutora Márcia Xavier Brito, em que ela reconta pormenores da história da concepção de *Frankenstein* passando pelos temas que inspiraram a narrativa como o galvanismo e o mito de Prometeu; uma resenha de Percy Shelley, marido de Mary, para a obra e um anexo de quatro contos de autoria de Mary com enredos que habitam o mesmo mundo de ideias que seu romance: *Valério: O romano reanimado*, *Roger Dodsworth: O inglês reanimado*, *Transformação* e *O imortal mortal*, anunciados por uma introdução de Carlos Primati, o profissional responsável pela tradução desses textos. Tudo pode ser conferido em um sumário.

Figura 6 – Frankenstein da DarkSide: sumário e layout das páginas.

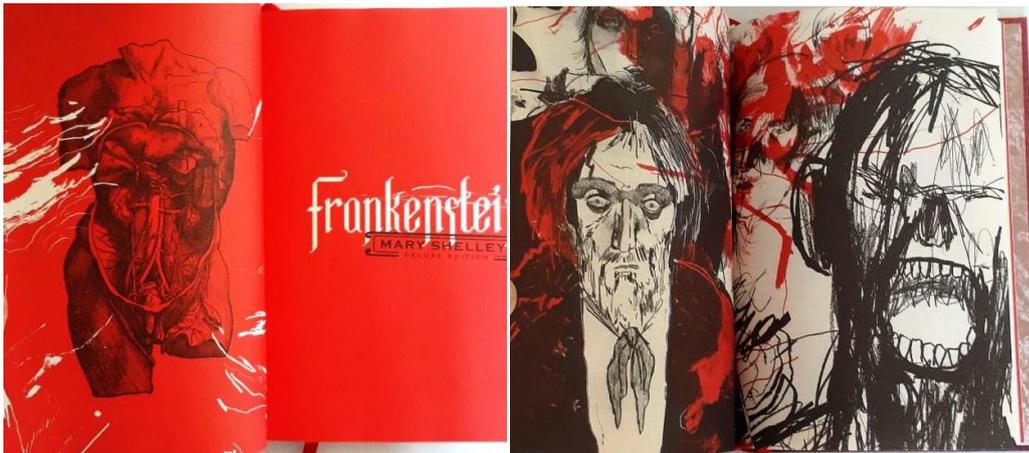


Fonte: produzida pelo autor.

Bem como o sumário, que não apresenta apenas uma relação dos conteúdos do livro, mas também ilustrações e diferentes fontes tipográficas, as páginas que compreendem as cartas dos personagens e os inícios de capítulos também possuem elementos estilísticos: o carimbo de Shelley está presente numa imitação de marca d’água em vermelho na primeira página de cada epístola e ao iniciar cada capítulo a primeira letra do primeiro parágrafo compreende uma arte diferente que sempre traz um pedaço de corpo humano enredado a ela. A cor vermelha da quarta capa, cor de sangue, que também tinge as veias que saem da figura da capa e passeiam pelas páginas internas da edição, se faz bastante presente.

Nas últimas páginas da obra encontramos ainda uma breve biografia da autora, da tradutora, e de três outros nomes bem importantes para esta edição em especial: Andreas Esalius e William Cowper, dois anatomistas europeus, e Pedro Ranz, um ilustrador brasileiro. São de autoria deles as imagens que ilustram a edição.

Figura 7 – Frankenstein da DarkSide: ilustrações.



Fonte: produzida pelo autor

À esquerda da imagem 7 temos um exemplo das ilustrações que oriundam dos estudos de anatomia dos dois cientistas creditados ao final do livro. Elas estão presentes em páginas vermelhas entre o início do livro e o sumário, a segunda introdução e o texto do romance, o fim do romance e os contos, os contos e as páginas finais do livro. Já as ilustrações originais, todas em preto e vermelho, estão distribuídas apenas entre as cartas que compõem a narrativa, num total de oito, às vezes em uma página, às vezes compreendendo duas páginas inteiras.

Considerações finais

Com tantos elementos imagéticos e também textuais como apoio à narrativa, a edição da DarkSide compõe uma atmosfera muito potente para a leitura da obra de Shelley, propondo uma experiência particularmente mais imersiva do que as outras duas edições analisadas, da L&PM Pocket e Zahar. Entretanto, há que salientar, essa imersão propõe, de todas as formas, uma leitura bastante guiada do texto literário no sentido de atribuir a ele a sua significação mais elementar: a de uma ficção científica assustadoramente clássica. Todos os peritextos tratam das inspirações científicas e dos anseios da autora em escrever uma história que despertasse terror. Fica, assim, a cargo da perspicácia do próprio leitor perceber as discussões mais existencialistas que também são tão caras à obra: temas como o abandono, a solidão, o sentimento de não pertencimento, e etc.

No caso da edição da L&PM Pocket, por exemplo, o já canônico texto de Harold Bloom, que serve como posfácio, chama atenção para essas chaves de leitura não tão óbvias. Aliás, levando em conta ser uma edição de bolso que, a priori, propõe-se mais econômica, esta situa bem o leitor para o encontro com a narrativa com os dois textos introdutórios de Shelley e traz o de Bloom como um complemento interessante a quem não tenha alcançado todas as possibilidades mais clássicas de leitura da narrativa. Com pouco apelo visual, entretanto, não parece ser dirigida a um leitor inexperiente, dificilmente cairá em mãos mais sensíveis ao objeto livro como fetiche do que ao peso do título.

Já a edição da Zahar parece confiar na capacidade de que o texto literário fale quase por si mesmo e deixa de lado elementos peritextuais que poderiam potencializar a recepção

da história da criatura de Frankenstein para um leitor contemporâneo possivelmente ainda em construção, visto que o projeto gráfico parece apelar aos jovens leitores. A introdução é bastante rasa em informações e a biografia da autora se detém mais em sua trajetória pessoal do que em relação à obra. Ainda que esta seja uma edição de bolso “de luxo”, designada assim muito provavelmente pela capa dura, segue os preceitos de uma edição econômica (de bolso) tradicional, com pouco material de apoio ao texto literário.

Tendo em vista essas considerações, procurou-se demonstrar, como averigua Chartier (2003, p. 44-45), que “com efeito, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta profundamente seus possíveis usos e interpretações”. Ou seja, que todo objeto produzido para conter um determinado texto, neste caso as três edições de *Frankenstein* analisadas, influencia também o modo como esse texto é recebido no que diz respeito à construção dos seus sentidos possíveis, abrindo mais ou menos a interpretações variadas, dependendo, também, do leitor que o tiver em mãos. Para isso, este estudo concentrou-se nos paratextos editoriais, mais especificamente nos peritextos, os elementos paratextuais que ajudam a configurar uma edição, que lhe dão forma enquanto livro na soma de seus componentes. Finalmente, como Genette (2009, p. 35) considera, “essas localizações peritextuais não esgotam o repertório do paratexto editorial do livro”, bem como este texto não esgota as possibilidades de análise das edições que maneja e espera, ao invés disso, ter aguçado e sensibilizado o olhar do leitor para esta questão intrínseca à da leitura de um texto literário, que é a da sua materialidade.

Referências

ARAUJO, Alberto Felipe. ALMEIDA, Rogério de. BECARI, Marcos. (org.). **O mito de Frankenstein: imaginário & educação.** (Mitos da pós-modernidade; v. 1). São Paulo: FEUSP, 2018.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido - Cultura escrita: entre distinção e apropriação.** Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 2003.

GENETTE, Gerard. **Paratextos Editoriais.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein.** Porto Alegre: L&PM, 2017a.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein.** Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017b.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou O Prometeu moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.